

**Operadora:**

Bom dia, e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à conferência do Banco Santander Brasil com relação aos resultados do 1T15. Aqui temos o Sr. Angel Santodomingo, Vice-Presidente e Diretor Financeiro; e o Sr. Luiz Felipe Taunay, Chefe de Relações com Investidores.

Este *call* está disponível no site do Banco Santander, [www.santander.com.br/ri](http://www.santander.com.br/ri), onde a apresentação estará disponível para download. Todos os participantes estarão em módulo de ouvinte apenas durante a apresentação, quando maiores instruções serão fornecidas. Se precisarem de auxílio durante a apresentação, por favor, falem com a operadora, apertando \*0.

Gostaríamos de informar que as perguntas serão respondidas em prioridade vindas pela Internet. Se quiser fazer uma pergunta pelo telefone, aperte \*1; para voltar à fila, aperte \*2. Cada participante terá direito a fazer duas perguntas. Se houver necessidade de mais informações, por favor, volte à fila.

Gostaríamos de dizer que quaisquer perspectivas, projeções e metas operacionais e financeiras relacionadas ao Santander constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro da Empresa. Portanto, estas projeções não são garantias de desempenho, pois baseiam-se em premissas razoáveis e não há garantia de eventos futuros, que podem ou não ocorrer. Investidores devem estar cientes de que as condições gerais e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro do Banco Santander e podem causar resultados que podem ser bem diferentes daqueles previstos nas demonstrações.

Agora passo a palavra ao Sr. Angel Santodomingo, Vice-Presidente Executivo. O senhor pode prosseguir.

**Angel Santodomingo:**

Bom dia a todos. Eu gostaria de começar a me dirigir aos senhores falando sobre algumas observações que tivemos com relação ao que será apresentado hoje.

Na página quatro, mostramos o consenso esperado e as dinâmicas de algumas variáveis importantes. Eu gostaria de compartilhar com os senhores algumas ideias. A economia brasileira está passando por um processo de ajustes. Neste ambiente, a quantidade de medidas implementadas ou anunciadas pelo Governo continua a seguir na direção certa.

Houve um ajuste significativo nos preços relativos na economia brasileira. Não apenas os preços administrados foram alterados, como também houve uma desvalorização cambial. Essas mudanças têm impacto sobre diferentes variáveis e, é claro, também sobre a inflação atual anual, que deve fechar, talvez, acima de 8%.

As medidas fiscais, que, como mencionei, foram implementadas e anunciadas, indicam uma clara mudança no rumo das políticas macroeconômicas. Acreditamos que isso explica que a maioria das medidas será implementada e terá impacto estrutural positivo sobre a economia.

O ponto principal não é saber se as metas quantitativas serão atingidas, mas sim que elas representam uma clara mudança de direcionamento. Como resultado dessas recentes medidas, as incertezas e riscos percebidos na economia brasileira já estão sendo, em grande parte, reduzidos de maneira significativa.

Sabemos que ainda existem incertezas, mas acreditamos que o País esteja no rumo certo, e mantemos também uma visão positiva para ele.

Visto que os ajustes têm sido consideráveis, a economia sofrerá um impacto em 2015. Como também já vimos, estimativas recentes apontam para uma contração do PIB de até mais de 1%, provavelmente até abrindo caminho para um 2016 melhor, e um 2017 melhor ainda.

O consenso nos leva a crer que provavelmente o Banco Central elevará a taxa de juros para 13,5% e começará a afrouxar a política monetária até o final deste ano ou início do ano que vem, quando o impacto sobre as atividades do processo atual de ajustes for melhor compreendido.

E por fim, mas não menos importante, espera-se que o Real deva convergir para R\$3,20, um nível que com o tempo deverá reduzir o déficit de contas correntes para um patamar mais sustentável. Como podem observar, a tendência com relação ao ambiente é complexa. Muitos anúncios já foram feitos, e denotam que estamos na direção certa.

Passando para o slide dos destaques, número seis, eu gostaria de dizer que focaremos em três áreas e faremos uma comparação trimestre a trimestre. Como vemos no slide, temos uma dinâmica positiva no trimestre das várias métricas que resultaram da implementação da estratégia que já compartilhamos com vocês há algum tempo.

Os quatro principais destaques que eu gostaria de ressaltar são: primeiro, a carteira de crédito expandida, que aumentou 5% no trimestre, impulsionada, e isso é importante, pela desvalorização do Real e a consolidação do Bonsucesso desde fevereiro de 2015. Excluindo o impacto desses dois fatores – agora falando em bases comparáveis –, o crescimento do trimestre foi de 1,8% para a carteira ampliada e de 1,6% para a carteira de crédito. Captação de clientes cresceu 4%.

Em segundo lugar, o Banco continua mantendo uma posição confortável em termos de capital e liquidez, o que está refletido na robustez do seu balanço, ao mesmo tempo em que continuamos a aumentar a nossa lucratividade. O índice de Basileia permaneceu em 16%, com um índice Tier 1 de 14,5%. O índice *loan-to-deposit* chegou a 99%, ou 100%.

Em terceiro lugar, o lucro líquido atingiu R\$1,6 bilhão no 1T15, com crescimento trimestral de 7%. Isso é explicado pela melhor evolução das receitas no trimestre, que cresceram após vários trimestres sob pressão, com controle de custos e provisão de crédito estáveis. Basicamente, continuamos com a parte inferior e superior do P&L.

E finalmente, vale enfatizar que a qualidade permanece controlada. O índice de inadimplência acima de 90 dias continua a melhorar, caindo 28 b.p. no trimestre, enquanto o índice de cobertura chegou a 181%, mais ou menos estável quando comparado ao trimestre anterior, o nível mais elevado em muito tempo.

No próximo slide, vemos a evolução do lucro líquido, que chegou a R\$1,633 bilhão, aumento de 7% no trimestre e 14% no ano. As principais linhas do resultado são mostradas na próxima página, slide nove.

Com relação às receitas, houve uma recuperação da margem financeira bruta, que subiu 2%, tanto no trimestre como em 12 meses. Este é o primeiro aumento trimestral após um longo período. As comissões caíram 5% no trimestre, principalmente devido à sazonalidade de seguros no quarto trimestre, e cresceram 7% em 12 meses.

As provisões de crédito permaneceram estáveis no trimestre, totalizando R\$2,1 bilhões, uma redução de 10% sobre o 1T14. Isso demonstra o nosso crescimento com produtos de baixo risco. Essa melhoria também se reflete no nosso custo de crédito, que caiu 17 b.p. no trimestre e 76 b.p. em 12 meses. E obviamente, isso também é refletido, como verão agora, na evolução do spread de crédito.

As despesas gerais permaneceram sob controle, com crescimento anual de 3%, o que é bem abaixo da inflação, como tem sido observado também nos últimos dois ou três anos, refletindo nossos esforços na melhoria da produtividade e eficiência. No trimestre, as despesas gerais caíram 8%, principalmente devido a impactos sazonais. Como resultado de tudo que acabei de mencionar, o lucro líquido aumentou 7% em três meses.

Agora, vamos olhar com mais detalhes cada uma dessas linhas, no próximo slide. Neste slide, vemos a evolução da nossa margem financeira bruta. A margem financeira atingiu R\$7,1 bilhões no 1T, 2% acima do trimestre anterior. A recuperação da margem financeira de crédito foi movida pelo aumento na carteira de crédito média, que mais que compensou a compressão de spread que surgiu pela mudança no *mix*. Nós temos um crescimento no spread do produto, que ainda está sendo mais que compensado pela mudança do *mix*.

Portanto, o que está ocorrendo aqui é que a evolução positiva está sendo movida pela mudança no *mix*, mas vem também do lado do volume da carteira.

Na comparação anual, a margem financeira também subiu 2%. A queda na margem de crédito foi compensada pelo aumento na margem de depósitos e pelo aumento da linha outros, devido a maiores ganhos com atividades de mercado.

Novamente, a redução da margem financeira é totalmente explicada pela mudança no *mix* no spread geral da carteira bancária. A mudança no *mix*, tanto do ponto de vista de um produto ou segmento, pode ser mais tangível a partir dos seguintes exemplos: os balanços de produtos de maior risco para a pessoa física, como cartão de crédito, cheque especial, crédito pessoal, ou crédito rotativo, como é chamado no Brasil, cai 6%, ou R\$2,5 bilhões, enquanto o crédito imobiliário subiu R\$6 bilhões, 2x ou 3x aquilo que eu já mencionei, ano contra ano, ou um significativo 36%.

O crescimento da carteira de crédito, por exemplo, de grandes empresas, teve um crescimento e um desempenho bem superior ao crescimento das pequenas e médias empresas, que, como podem imaginar, tem spreads diferentes.

Na página seguinte, temos a carteira de crédito. A carteira de crédito ampliada atingiu R\$324,7 bilhões. A recente desvalorização da moeda brasileira contra o USD teve um impacto importante sobre o crescimento da carteira. Excluindo o efeito da desvalorização cambial e a incorporação da carteira de R\$1,7 bilhão que veio do Bonsucesso, o crescimento anual e trimestral da carteira expandida chegou a 13% e 1,8%, respectivamente.

O segmento grandes empresas continua a ser um dos principais vetores de crescimento, como podem ver, apresentando crescimento de 25% ano sobre ano e 5% no trimestre, após filtrarmos novamente o impacto da desvalorização cambial.

No segmento pessoa física, como podem ver, houve um crescimento de 6% ano contra ano e 2% no trimestre. As duas métricas foram impactadas pela incorporação da carteira do Bonsucesso. O crescimento, portanto, foi de 3,5% e 0,3%, respectivamente.

A carteira de financiamento ao consumo teve uma queda de 2% no trimestre e 3% em 12 meses. Estamos confortáveis com a lucratividade e desempenho deste segmento,

especialmente se levarmos em conta a dinâmica geral do mercado de veículos, que, como sabem, está caindo. Falando sobre carros novos e usados, os novos estão tendo queda de quase 15%. Os veículos usados também estão experimentando queda.

A carteira de pequenas e médias empresas está estável no trimestre e em 12 meses, provavelmente refletindo o ambiente macroeconômico, mas continuamos a investir nesta nossa franquia neste segmento. Quanto a isso, no próximo dia 19 de maio anunciaremos a implementação da nossa nova plataforma de pequenas e médias empresas, que já foi mencionada a vocês nos últimos trimestres.

Passando para captações, no próximo slide podemos ver a evolução que reflete nosso foco nos clientes e no nosso relacionamento com eles. As captações com clientes somaram um total de R\$261 bilhões, subindo quase R\$37 bilhões em 12 meses e R\$9 bilhões no trimestre.

Os fundos totais de clientes, incluindo os fundos de investimento, totalizaram R\$469 bilhões, com crescimento acentuado de 20%, ou R\$79 bilhões em 12 meses, e 4% em três meses. Os fundos de investimento somaram, como veem aqui, R\$177 bilhões, com aumento total de 12% em 12 meses e 2% no trimestre.

Passando às comissões, na próxima página, podemos ver que o total das receitas com comissões chegou a R\$2,8 bilhões no 1T15, um aumento de 7% quando comparado ao 1T14, e 5% mais baixo em um trimestre. A evolução no trimestre foi negativamente impactada pelo reconhecimento das renovações das apólices de seguros, que ocorreu no 4T14. Excluindo esses efeitos, as comissões teriam ficado estáveis no trimestre.

Também no trimestre, o destaque ficou com a corretagem, custódia e colocação de títulos, que teve um bom crescimento de 35%, e em 12 meses o aumento foi impulsionado pelas comissões com seguros e operações de crédito.

Eu gostaria também de ressaltar as comissões de seguros, que tiveram aumento de 10% em 12 meses, e uma redução de 13% no trimestre, o que realmente seria um aumento de 21% se excluíssemos o reconhecimento da renovação das apólices, que foi responsável por esta linha.

No próximo slide, detalhamos as despesas gerais. Excluindo depreciação e amortização, houve uma queda de 9% no trimestre, explicada pela sazonalidade no 1T. Permaneceu estável em 12 meses, bem abaixo dos níveis da inflação, o que tem sido nossa principal mensagem nos últimos anos.

E incluindo depreciação e amortização, os gastos totais caíram 8% no trimestre e subiram 3% no ano, novamente bem abaixo da inflação. Conforme mencionado, o bom desempenho é resultado de nossos programas de produtividade e eficiência, que continuarão a trazer resultados durante todo o ano, como também já foi anunciado no trimestre anterior.

Na página 15, passamos aos indicadores de inadimplência, que continuam a refletir a melhoria da qualidade de nossa carteira de crédito. O índice de inadimplência acima de 90 dias caiu 79 b.p. em 12 meses, com uma melhoria tanto no segmento pessoa física – 78 b.p. – quanto grandes empresas – 57 b.p. No trimestre, a inadimplência caiu 28 b.p., também com melhoria nos dois segmentos.

O indicador principal, o índice de inadimplência de 15 a 90 dias, aumentou em 23 b.p., como podem observar aqui, passou de 4,1% para 4,3%, e caiu quase 100 b.p. em 12 meses. O 1T tende a ter mais sazonalidade também neste segmento. No ano passado, o aumento de trimestre contra trimestre foi de 56 b.p. O índice de cobertura chegou a 181%, o que permanece em níveis confortáveis.

Com relação às provisões de crédito, PDD, na próxima página, como pode ser observado, chegaram a R\$2,1 bilhões no trimestre, uma queda de 10% sobre o ano anterior, com 1% de redução no trimestre, devido a aumentos nas provisões de crédito e recuperação dos créditos.

Como já mencionamos na mudança no *mix*, temos uma queda de 76 b.p. em 12 meses e de 17 b.p. no trimestre com relação ao custo de crédito. Com essa evolução, o spread, excluindo o risco, é estável no trimestre; e eu também já disse que o spread também caiu em quase 20 b.p.

Olhando adiante, embora o ambiente econômico geral continue desafiador, e há ainda alguns setores que estão sendo mais afetados, continuamos esperando que o custo do crédito em 2015 não se desvie muito dos níveis de custo de crédito de 2014. Esta melhoria se reflete nos investimentos passados feitos em modelos de decisão de risco comercial, que aprimoraram nosso nível de conhecimento sobre o cliente, alinhando a carteira de risco à capacidade de pagamento e ao tipo de produto.

Com relação aos índices de desempenho, na próxima página podemos ver que o índice de eficiência ficou em 49,8% no 1T, o que é uma boa melhoria no período – estamos falando em quase 400 b.p. de melhoria durante o trimestre. O índice de recorrência chegou a 68,9% no trimestre, com um aumento de 187 b.p. no trimestre. E finalmente, falando sobre o retorno sobre o patrimônio líquido médio, este atingiu 12,8% no 1T15, com aumento significativo de 77 b.p. no trimestre e 165 b.p. em 12 meses. Portanto, aqui temos uma melhoria significativa na lucratividade para os nossos acionistas.

Na próxima página falamos sobre liquidez. Temos fontes de captação estáveis e um nível adequado de liquidez. O índice *loan-to-deposit* ficou em 99% em março de 2015.

Do lado direito, o índice de Basileia atingiu 16%, principalmente composto pelo Tier 1, que está em um nível bem confortável. Há novos fatos que explicam a mudança no trimestre de 150 b.p., que são: cerca de 40 b.p. referem-se ao aumento RWA de crédito, 30 b.p. referem-se ao crescimento RWA de riscos de mercado e operacionais. Este último foi impactado pela introdução pelo Banco Central do Brasil de um perímetro mais amplo para calcular o capital regulatório no Brasil.

O impacto negativo de aproximadamente 60 b.p. refere-se à ocorrência de diferenças temporárias (DTA's) no trimestre. Embora, em uma perspectiva econômica, o Santander Brasil trabalhe com uma exposição de câmbio relativamente pequena, que se reflete no fato do Lucro líquido não flutuar substancialmente com o movimento da variação cambial, por outro, em uma perspectiva fiscal, os ativos e passivos em dólar tem tratamento assimétrico, fato que ganha relevância em período de grande variação cambial como o observado no primeiro trimestre de 2015. Se ao final do 2T15 os níveis de FX forem mantidos próximos ao patamar do fechamento do mercado de ontem, mais de 50% do impacto do capital será revertido no 2T15.

Temos ainda o impacto negativo de aproximadamente 60 b.p. que refere-se ao *phase in* das regras de Basileia III, que todos vocês já conhecem. Com uma amortização de ágio esperada de R\$2,9 bilhões até o final deste ano, 30 b.p. de impacto no trimestre devem ser revertidos até o final do ano. Portanto, como podem observar, temos um impacto que será revertido até o final do ano.

Por fim, o índice de capital foi beneficiado em cerca de 30 b.p. pelo fato de o Banco ter emitido no 1T14, títulos denominados USD em conformidade com Basileia III.

Para concluir, no último slide, eu gostaria de compartilhar as principais mensagens do 1T15. Em primeiro lugar, os vários vetores dos nossos resultados no trimestre demonstraram uma



dinâmica melhor do que no passado. Nossos contínuos esforços para melhorar a nossa franquia em banco comercial de varejo no Brasil começam lentamente a dar frutos.

Em segundo lugar, as receitas já estão demonstrando uma tendência positiva com a recuperação da margem financeira.

Em terceiro lugar, as despesas gerais continuam sob controle, com o crescimento anual bem abaixo da inflação. Os programas de produtividade e eficiência estão gerando os resultados esperados que vem sendo continuamente anunciados.

Mas, mais uma vez, o ponto mais importante é o nosso foco contínuo na transformação do Banco em uma organização focada no cliente, o que é algo que vem sendo feito, e continuará a ser feito nos próximos trimestres e anos.

Nesse sentido, o evento mais recente no desenvolvimento da nossa plataforma comercial foi a introdução do nosso novo modelo comercial, que, como vocês sabem, chama-se CERTO, que tem como objetivo simplificar os processos, melhorar o nível de atendimento e dedicar mais tempo das nossas equipes de rede de agências às atividades comerciais com os clientes. Portanto, eles devem organizar as atividades comerciais. No 2T, novas melhorias serão introduzidas e os senhores serão informados no tempo oportuno.

A qualidade de crédito continua sob controle, e este será o meu comentário final. Embora o ambiente tenha o desempenho que já foi abordado, estamos muito confortáveis com os nossos níveis de cobertura, de 181%, como já mencionei, assim como também com as prioridades cuidadosamente gerenciadas para que continuemos a entregar resultado, enquanto melhoramos o desempenho na parte superior dos resultados.

Muito obrigado, e agora estamos prontos a responder quaisquer perguntas que tiverem.

**Saul Martinez (pergunta via webcast):**

Com que rapidez você poderá aumentar a carteira de crédito consignado, em razão da parceira com o Bonsucesso, e com que rapidez ocorrerá a implementação da plataforma Advanced, para pequenas e médias empresas?

**Angel Santodomingo:**

A primeira coisa que eu gostaria de dizer sobre Bonsucesso é que ele começou a fazer parte do grupo Santander, em fevereiro de 2015. Nós temos 60% dessa joint venture. É um *player* muito importante, com grande experiência.

O processo basicamente agora se concentra nas atividades do lado comercial, com um crescimento expressivo; e do lado operacional, estamos reiterando todas as carteiras, como já foi dito. Nesse sentido, ainda teremos a transferência das carteiras no 2T, que ainda estão sob o guarda-chuva do Santander Brasil. Concordamos em ter, portanto, estas carteiras sob o guarda-chuva do Bonsucesso.

Temos boas notícias com relação a empréstimos potenciais que podem melhorar a capacidade do Bonsucesso, de se alinhar e oferecer os produtos que eles compartilham. Esse é um ponto.

O segundo ponto é que a estratégia do Bonsucesso é que, em vez de tentar operar através de todos os correspondentes que temos no País, eles decidiram concentrar as atividades em correspondentes mais lucrativos e de maior porte.

Nossas perspectivas com relação ao Bonsucesso são bem positivas. Estamos muito satisfeitos com a equipe de gestores, estamos muito confortáveis com eles. Como eu já disse, são todas pessoas com muita experiência; eles têm entre 15 e 40 anos de experiência neste negócio ou negócios relacionados, não apenas na alta administração, mas também as pessoas que estão trabalhando na área comercial.

Em termos das pequenas e médias empresas, a plataforma talvez não mude muito mais, ela seguirá o mesmo conceito. E diria ainda que, como vocês sabem, o objetivo desta plataforma é oferecer uma grande gama de produtos e serviços.

Queremos ir ao mercado quando nos sentirmos confortáveis e tivermos a oferta certa. Aachamos que estamos começando a seguir neste caminho; implementamos o processo, rolamos o processo, mas a rede ainda precisa aprender como vender esse novo conjunto de produtos e serviços. Alguns dos produtos são novos, outros não, mas queremos abordar o cliente com uma gama mais abrangente de produtos e serviços, e isso ainda tem que ser bem elaborado.

Então, não espere que as pequenas e médias empresas comecem a ter uma evolução muito grande no momento. Como sempre mencionei, temos que fazer um movimento, e qualquer movimento leva tempo. Temos que dar um passo na direção certa, e é isso que estamos fazendo, exatamente. Ainda estamos nos movendo na direção da transformação do lado das pequenas e médias empresas, SMEs.

**Saul Martinez:**

A segunda pergunta refere-se à sua nota explicativa, em que o senhor disse que vendeu R\$1 bilhão de financiamento de crédito que anteriormente havia sido classificado como empréstimos de categoria H. Qual é o impacto que isso teve sobre os seus resultados financeiros? E mais importante ainda, uma vez que já foram totalmente provisionados, qual foi o impacto que isso teve?

**Luiz Felipe Taunay:**

Como essa é uma pergunta mais detalhada, eu responderei. O Banco vendeu R\$1 bilhão, como aparece na nota explicativa, e deste valor, R\$440 milhões foram classificados como acima de 90 dias, e R\$50 milhões entre 15 e 90 dias. Portanto, o impacto desses 15 a 90 dias de inadimplência foi considerado como quase mínimo, relativamente pequeno; e acima de 90 dias, em vez de ter uma queda de 28 b.p. no trimestre, teríamos tido uma queda de 13 b.p., e isso teria um impacto de 15 b.p. na evolução dos resultados.

Em termos de resultados, é um impacto de R\$158 milhões, mas é preciso ter em mente que um banco tem várias estratégias em termos de recuperação. Portanto, continuamos em diversos níveis a fazer o processo de recuperação, mas em algumas circunstâncias o Banco talvez decida que seja mais viável vender estas carteiras.

**Philip Sanchez, UBS (pergunta via webcast):**

Você poderia comentar porque o indicador de inadimplência de 15-90 dias piorou 20 b.p. no trimestre, tanto em PF como em PJ?

**Angel Santodomingo:**

Philip, muito obrigado. Eu acho que já mencionei, esse índice de inadimplência, entre 15 e 90 dias aumentou mais que 20 b.p., mas eu gostaria de destacar um pouco do efeito sobre o primeiro trimestre. Como eu já mencionei, no ano passado esse mesmo indicador apresentou uma variação bem maior. Se eu me lembro bem, houve um aumento de 56 b.p., o dobro do observado neste trimestre.

Mas dados os comentários que foram feitos quanto à qualidade e etc, qual é a posição do Santander com relação ao que nós temos observado? É claro que estamos muito atentos, os bons números que nos estamos vendo, como já mencionei, refletem aquilo que foi observado nos últimos anos em termos da implementação das novas medidas para reduzir os riscos de algumas carteiras. Tudo que já fizemos há algum tempo, ninguém estava pedindo aquilo, porque o ambiente não estava tão incerto quanto está hoje no país. Então, obviamente as coisas podem mudar.

Será que isso significa que estamos em uma situação confortável? Como eu já falei, estamos acompanhando tudo o que acontece no País. Acompanhamos as métricas e todos os indicadores, e obviamente continuaremos a seguir nessa mesma direção.

Mas eu gostaria de destacar e ressaltar que, quando fazemos um esforço há muito tempo, há um resultado positivo. Não estamos em posição de dizer que a situação agora terá ou não terá impacto no setor como um todo, mas, como eu já disse, pelo momento mantemos a nossa visão como relação ao custo do risco.

**Luiz Felipe Taunay:**

Antes de passarmos para o próximo tópico, esquecemos de mencionar que esses R\$158 milhões referem-se ao montante bruto e não líquido.

**Philip Sanchez:**

O próximo tópico é sobre a alíquota tributária. Nós já observamos algumas volatilidades nos trimestres recentes. Olhando para frente, qual seria o nível mais normalizado de alíquota tributária?

**Angel Santodomingo:**

Philip, muito obrigado. Lembre-se que a volatilidade do último trimestre tem a ver com aquilo que já explicamos, que é o dividendo pago sobre o capital. Foi o impacto fiscal que causou essa volatilidade. Se excluirmos isso, manteremos mais ou menos os mesmos níveis dos trimestres anteriores.

Então, eu diria que, olhando para frente, veremos mais do mesmo. Eu não esperaria nenhuma mudança significativa nas alíquotas tributárias em uma análise usual, e, obviamente, ajustando o efeito deste tipo de pagamento de dividendos.

**David Hine, JPMorgan (pergunta via webcast):**

Com relação à Basileia III, o senhor poderia explicar a queda de 160 b.p. no trimestre?



**Angel Santodomingo:**

Obrigado, David. Eu acho que eu já expliquei durante a minha apresentação o impacto que tivemos sobre o capital. No final das contas, o que temos é um aumento em razão do risco de crédito e operacional. Em termos operacionais, isso deve-se à introdução de um perímetro ampliado, que tem a ver com o perímetro total do risco operacional, seguindo determinação do Banco Central do Brasil. Isso é uma parte da história.

A outra parte tem a ver, conforme mencionei, com as DTAs e com o impacto gerado pela desvalorização cambial, que gera uma perda fiscal, o que gera as DTAs. Se o nível de câmbio atual for mantido para o segundo trimestre, mais de 50% do impacto no capital poderá ser revertido.

Depois, temos o *phase in*. É preciso lembrar que passamos de 20% a 40%, temos diversas fases em processo. O mercado geralmente se concentra nos números totais, e a cada ano temos esses impactos, que também afetam o índice.

**Marcelo Telles, Credit Suisse (pergunta via webcast):**

O senhor poderia comentar sobre a sua estratégia de expansão no Brasil? O senhor preferiria organicamente, ou considera alguma aquisição?

Número dois: o senhor vê algum potencial de deterioração na carteira de grandes empresas? E qual é a exposição do Santander à cadeia de fornecedores da Petrobrás?

**Angel Santodomingo:**

Quanto à estratégia de expansão no Brasil, estamos 100% focados no crescimento orgânico. Esse é o nosso modo de operar, nosso modo de traçar nossas estratégias, o modo como agimos como organização, e não queremos desviar desse foco.

Tendo dito isso, eu já mencionei em trimestres anteriores duas coisas que gostaria de ressaltar mais uma vez: primeiro, existem negócios nos quais nos estamos abaixo do mercado e a estratégia é crescer organicamente, obviamente, é que analisamos qualquer tipo de atividade potencial. E em segundo lugar, e mais importante, talvez a principal razão, e tem a ver com a primeira que mencionei, é que achamos que é preciso analisar tudo que possa ser um risco para nós, e é preciso entender se qualquer operação possa também agregar valor para nós e pra nossos acionistas.

A pergunta é: será que é isso que estamos procurando? Eu diria que não, mas tendo 99,9% da Organização focada no crescimento orgânico e em estratégias de crescimento, voltamos àquilo que eu já expliquei.

Se vejo um potencial de deterioração da Petrobrás, etc? Eu já mencionei nossa visão em termos da qualidade da economia etc., então não irei repetir aquilo que eu já disse. Obviamente, estamos totalmente conscientes de que o País também esteja no rumo certo. Como mencionei, estamos indo no rumo certo para 2016 e 2017, mas este será um ano difícil.

Com relação à Petrobras e a todas as questões da Lava Jato, os números já foram revelados. Eu já disse que, em termos de óleo e gás, 4% estão nos nossos números. Essa foi a exposição total em 2014.

Com relação aos fornecedores da Petrobras, em termos da nossa exposição a eles, eu acho que isso seria menos que 1%. Portanto, nos encontramos em uma posição confortável, principalmente nesse setor, e isso já foi dito publicamente.

**Felipe Salomão, Morgan Stanley (pergunta via webcast):**

O senhor mencionou, com relação à joint venture com o Bonsucesso, que vocês aumentaram 1,8% no trimestre. Se o mesmo ajuste fosse feito para a margem financeira, quanto ele teria aumentado em bases trimestrais? Se apenas ajustarmos a margem financeira baseados no Bonsucesso, como isso poderia ter aumentado no trimestre com relação àqueles 2,2% do trimestre? A pergunta é sobre carteira de crédito.

**Luiz Felipe Taunay:**

Eu respondo essa pergunta. Felipe, os dois impactos foram mínimos em termos da evolução da margem financeira, por duas razões: em primeiro lugar, falamos sobre grandes empresas, e o spread dessas grandes empresas não é tão significativo.

Com relação ao Bonsucesso, a incorporação do Banco Bonsucesso foi finalizada em fevereiro. Em termos da margem financeira no trimestre, o impacto refere-se a apenas um mês, pois aconteceu em fevereiro, e não reflete o trimestre inteiro.

Voltado à sua pergunta sobre a qualidade do ativo, temos mais duas perguntas relacionadas à qualidade do ativo.

**Marcelo Cintra, Goldman Sachs (pergunta via webcast):**

Embora a PDD de 90 dias tenha melhorado no trimestre, tanto na carteira de grandes empresas como de pessoas físicas, a inadimplência de 15-90 mostrou pequena deterioração e as baixas para prejuízo aumentaram significativamente no trimestre. Considerando essas premissas, como vocês enxergam a evolução da carteira de crédito e o custo do crédito daqui para frente?

**Angel Santodomingo:**

Marcelo, novamente falando sobre qualidade do crédito, eu já expressei a nossa opinião e como nós enxergamos essa área. Mencionando minhas palavras, nós temos que pensar no custo de risco na região, falando da região, como enxergamos o comportamento nessa região. Já mencionei especificamente este assunto quando falamos sobre a carteira de crédito na apresentação.

Então, mais uma vez, não irei me repetir muitas vezes, mas estamos muito atentos e vemos como as coisas estão evoluindo. Já fizemos a nossa lição de casa, e veremos como isso irá evoluir nos próximos trimestres.

**Carlos Daltozo, Banco do Brasil (pergunta via webcast):**

A primeira pergunta refere-se à receita da recuperação de crédito, e tem a ver com essa recuperação de crédito de somente 20% no primeiro trimestre. Vocês acreditam que essa receita retornará aos níveis anteriores nos próximos trimestres?

**Angel Santodomingo:**

Essa recuperação de crédito sempre tem um pouco de volatilidade, o que é importante considerar. Nossas atividades de recuperação são muito ativas, e eu diria ainda que estamos trabalhando muito nesses últimos trimestres, principalmente nos planos de recuperação de

inadimplência inicial, antes que vire uma inadimplência mais longa. As atividades estão sendo intensificadas, e não simplesmente relativas a esse trimestre; estou falando em termos de trimestres e anos.

E como o senhor pode imaginar, estamos sempre comunicando as melhorias. Às vezes você melhora em um lado, mas não em outro. Tendo dito isso, sim, nós temos certa volatilidade, e pode ser que não retornemos a esses níveis.

**Carlos Daltozo:**

Há mais espaço para melhorar a qualidade dos ativos nos próximos trimestres?

**Angel Santodomingo:**

Acho que eu já mencionei este assunto durante a apresentação.

**Operadora:**

Muito obrigada. A sessão de perguntas e respostas está concluída. Passo a palavra para o Sr. Angel Santodomingo para suas considerações finais.

**Angel Santodomingo:**

Muito obrigado novamente por participarem desta conferência sobre os resultados do trimestre. Este foi um trimestre que começou a apresentar o impacto daquilo que já mencionei com relação ao que vem sendo feito no Santander Brasil, mas ainda temos muita coisa a fazer para os próximos trimestres.

Muito obrigado pela presença de todos, e estamos à sua disposição aqui no Santander Brasil. Tenham um bom dia.

**Operadora:**

A conferência de resultados do Banco Santander se encerra neste momento. Tenham todos um bom dia. Muito obrigada.



**Transcrição da Teleconferência  
Resultados do 1T15  
Santander (SANB11 BZ)  
28 de abril de 2015**

discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.